PENTAGRAMA

revista

ANO 1 | Nº 1 | 2025

- O corpo mental
- Holarquia
- A importância do autoconhecimento
- Dar e receber
- A terceira espiral
- Beleza neutra
- Vida real

1

Revista Pentagrama | ANO 1 | Nº 1 | 2025
Revista trimestral do Lectorium Rosicrucianum

Pentagrama Publicações
responsável pela produção dos livros da
Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.
https://pentagrama.org.br/revista

Autor:
Lectorium Rosicrucianum

Revisão:
Maria Helena Zockun e Flavia Araújo

Capa e Projeto gráfico:
Mônica Jackson

Diagramação e conversão para e-book:
Lumiar Design

Editora responsável:
Rafaela Furlan

Todos os direitos desta edição reservados à
Pentagrama Publicações
Av. Vereador João Pedro Ferraz, 605
Cep: 13240-000 | Bom Retiro | Jarinu | SP
www.pentagrama.or.br
livros@pentagrama.org.br

ISSN: 1677-2253

PENTAGRAMA

Revista trimestral do Lectorium Rosicrucianum

Esta primeira edição da Revista Pentagrama inaugura um espaço de encontro entre reflexão, autoconhecimento e vivência espiritual. Mais que apresentar ideias, buscamos oferecer ao leitor a oportunidade de voltar-se para si mesmo e conectar-se com um horizonte mais amplo, onde corpo, mente e espírito se harmonizam.

Nesta edição, temas como o corpo mental, a holarquia como expressão de fraternidade e o autoconhecimento como base da transformação interior são explorados à luz de uma visão espiritual universal. Também refletimos sobre o equilíbrio entre dar e receber, a vivência da terceira espiral, a beleza neutra e a vida real, compondo um conjunto que convida à leitura atenta e à prática consciente.

Cada artigo foi pensado como apoio para que o leitor, a partir de sua experiência, abra-se ao novo, reconheça o essencial e participe do trabalho de renovação interior que a Escola Espiritual propõe. Mais que conceitos, tratam-se de vivências que podem ser percorridas com coragem, discernimento e amor pela verdade.

Que esta publicação inspire cada um, de forma livre e consciente, a entrar no fluxo dessa transformação, permitindo que a luz interior se manifeste e encontre expressão no mundo. É com esse espírito que apresentamos esta edição e o convidamos a seguir conosco nesta jornada.



PENTAGRAMA

Revista trimestral do Lectorium Rosicrucianum

Esta primeira edição da Revista Pentagrama inaugura um espaço de encontro entre reflexão, autoconhecimento e vivência espiritual. Mais que apresentar ideias, buscamos oferecer ao leitor a oportunidade de voltar-se para si mesmo e conectar-se com um horizonte mais amplo, onde corpo, mente e espírito se harmonizam.

Nesta edição, temas como o corpo mental, a holarquia como expressão de fraternidade e o autoconhecimento como base da transformação interior são explorados à luz de uma visão espiritual universal. Também refletimos sobre o equilíbrio entre dar e receber, a vivência da terceira espiral, a beleza neutra e a vida real, compondo um conjunto que convida à leitura atenta e à prática consciente.

Cada artigo foi pensado como apoio para que o leitor, a partir de sua experiência, abra-se ao novo, reconheça o essencial e participe do trabalho de renovação interior que a Escola Espiritual propõe. Mais que conceitos, tratam-se de vivências que podem ser percorridas com coragem, discernimento e amor pela verdade.

Que esta publicação inspire cada um, de forma livre e consciente, a entrar no fluxo dessa transformação, permitindo que a luz interior se manifeste e encontre expressão no mundo. É com esse espírito que apresentamos esta edição e o convidamos a seguir conosco nesta jornada.

Sumário

O corpo mental 3

Holarquia 8

A importância do autoconhecimento 11

Dar e receber 15

A terceira espiral 19

Beleza neutra 25

Vida real 28

O corpo mental

A personalidade humana é formada pelos corpos físico, etérico, astral e mental - a mente -, que deve se desdobrar num quinto elemento, a mente superior. A mente é o elemento de conexão entre os quatro corpos da personalidade e os aspectos superiores da consciência, que são a alma e o Espírito.

A mente sempre gravita entre estes dois aspectos: de um lado a personalidade (os corpos físico, etérico e astral e suas necessidades), aspecto denominado mente concreta, e de outro lado, sua essência mais íntima ou alma-Espírito, aspecto denominado mente abstrata.

Em conexão com seus corpos, todo um universo se mostra à mente concreta; por meio dos sentidos, todo o cenário da vida exterior se apresenta. Da mesma forma, pela percepção interior, todo um mundo de sensações, imagens, impulsos, desejos e pensamentos também é vivenciado.

Tendo recebido as impressões dos sentidos (exteriores e interiores), a mente concreta as organiza para compreender o mundo em que se encontra. E é principalmente por meio da memória que os eventos exteriores e interiores, oriundos de experiências passadas, são trazidos de novo à consciência, e assim são organizados e compreendidos.

Assim também é com os fenômenos físicos: determinados eventos são observados ao longo do tempo e, por meio de experimentos e medições, se chegam a certas conclusões sobre as leis da natureza que os regem. Por exemplo, conta-se que Newton estava embaixo de uma macieira quando uma maçã caiu sobre sua cabeça. Com base nessa experiência, Newton teria elaborado a hipótese de uma atração universal de todos os obje-

tos que possuem massa, sejam frutas ou planetas. Ao analisar diferentes medidas já feitas, ele concluiu que talvez essa força atuasse de acordo com o inverso da distância entre os objetos ao quadrado. Essa hipótese foi testada e mostrou ser aproximadamente correta, até que alguns experimentos no final do século 19 abriram espaço para a teoria da relatividade de Einstein.

Quando bem ajustada, é exatamente dessa forma que a mente concreta trabalha: observa a realidade e chega a conclusões com base na experiência, mas nunca se satisfaz com explicações aparentemente óbvias nem se fecha para uma compreensão mais elevada. O funcionamento da mente concreta é muito parecido com o de um computador, pois segue regras precisas, chamadas de algoritmos.

A mente concreta é um poderoso instrumento que precisa ser utilizado para se viver de forma inteligente. Diferentemente de caminhos esotéricos vagos, que conduzem o ser humano a todo o tipo de crenças em autoridades e doutrinas, o discipulado hermético-gnóstico é um caminho que toma como base uma compreensão clara da existência. Por isso, é preciso sondar a realidade das coisas com o intelecto e com a razão para agir com clareza, racionalidade e lucidez.

Sempre que, por um motivo ou outro, não se utilizam as faculdades racionais, deixa-se de assumir a responsabilidade por nossa própria vida e se despera diça tempo como, por exemplo, ao se abrir para especulações vazias, como engenhosas teorias da conspiração, que nada acrescentam. Com base em concepções irracionais da realidade, há quem se entregue a discussões vazias e em defesas intransigentes e exaltadas de posições políticas nas redes sociais, o que de forma alguma se alinha com um discipulado consciente.

Essas atitudes complicam ainda mais uma situação que já é extremamente complexa, porque tiram do indivíduo o controle sobre seus pensamentos: ele pensa mal e demais, muitas vezes sendo levado por turbilhões mentais.

Mas se por um instante o indivíduo percebe esse caos, ele tem a possibilidade de cortar esse fluxo caótico e abrir espaço interno. Esse espaço é consciência clara, é lucidez. Quando esse espaço se estabelece, o segundo aspecto da mente – a mente abstrata – pode atuar.

Mesmo um cientista pode chegar à conclusão de que sua forma habitual de raciocínio, por útil que seja, tem limites. E alguns dos melhores cientistas, artistas, filósofos e místicos vivenciaram momentos em que o pensamento habitual, ao encontrar seus limites, abriu espaço para algo maior.

Há várias descrições de momentos como esses. Por exemplo, em um único instante foi possível a alguns ter uma intuição sobre uma verdade da natureza – como talvez Newton tenha tido quando a maçã lhe caiu na cabeça –, sobre a solução de um problema matemático

ou mesmo a ideia de uma sinfonia inteira, como acontecia com Mozart. Jacob Boehme diz que, estando sentado em seu quarto um dia, seu olhar caiu sobre um prato de estanho polido que refletia a luz do sol, que o levou a um tal êxtase que, a partir daquele instante, lhe parecia poder compreender as coisas „na profundidade de seus fundamentos“. Sua obra Aurora nascente surgiu naquele instante.

Essas experiências apontam para um funcionamento diferente da mente, ou para um tipo de consciência diferente da habitual. Não é mais a mente concreta, computacional, que está atuando, mas a mente abstrata. E pela sua conexão com a alma-Espírito é que surge o impulso na mente rumo a uma percepção e compreensão mais amplas da existência, de uma realidade para além da mente. O acesso a essa realidade superior está no núcleo mais íntimo da mente abstrata: o „eu“.

A consciência se manifesta por meio da percepção, dos pensamentos, dos sentimentos e da vontade. Mas esses elementos não constituem o núcleo da consciência; eles são apenas as formas pelas quais esse núcleo se manifesta e tem consciência de si mesmo.

A memória é o elemento que liga o núcleo da consciência com sua manifestação. É a memória que nos permite ter o sentimento de continuidade de nossa personalidade; que permite nos perceber como indivíduos, como “eus”.

Se buscarmos nas profundezas da consciência, constataremos que em cada um de nós há um elemento que nunca está sujeito a mudanças, um elemento de consciência que está presente desde a infância. Desde os primeiros dias existe uma vaga memória desse núcleo imutável de nosso ser. Mais que percepção, pensamento, sentimento ou vontade, é a própria sensação de existir, de ser, que diz „eu sou“.

Na filosofia indiana Vedanta Advaita afirma-se que Atman e Brahman são um, ou seja, que o eu individual é uno com o Espírito universal. Em outras palavras, o núcleo da consciência humana não se distingue da fonte da Vida, o Espírito Divino.

O fato de se sentir, durante toda a vida, como uma mesma pessoa, como alguém que se mantém imutável entre todas as mudanças, é um vislumbre de nosso núcleo microcósmico, da rosa do coração.

Ainda na infância, há um momento em que o ser humano se sente como um ser independente. Pela autoconsciência, o homem passa a se descrever como „eu“. Assim como o corpo físico tem o seu centro no cérebro, a mente abstrata deve encontrar seu centro no eu.

Esse é um dos maiores mistérios da existência. Mesmo uma análise linguística simples já aponta para esse mistério. O eu, ao designar um ser, só tem sentido se se aplicar a si próprio. Para os outros, somos Josés, Marias ou ele, eles, você, vocês etc. Apenas para nós mesmos é que dizemos „eu“. Por si só, esse fato ex-

pressa uma verdade profunda, a de que a essência do eu é completamente independente de todo o mundo exterior. A seu respeito, diz O Livro de Mirdad[1] :

O eu é o Verbo criador. A não ser que você se apodere de sua força mágica, a menos que sejam mestres deste poder, gemerão quando deveriam cantar, estarão em guerra quando deveriam estar em paz, se recolherão amedrontados em cárceres escuros quando deveriam estar pairando em luz.

O eu nada mais é do que sua consciência de ser, silenciosa e incorpórea, verbalizada e corporificada.

(…) Conforme for sua consciência, assim será seu eu. Se seu eu for claro e tiver um significado definido, seu mundo será claro e terá um significado definido. Então suas obras jamais serão confusas, e suas obras jamais serão ninhos de dor. Se seu eu for nebuloso e incerto, seu mundo será nebuloso e incerto, e então suas palavras serão apenas embaraços e suas obras serão incubadoras de dor.

(…) O eu é o centro de sua vida, de onde irradiam as coisas que constituem a totalidade de seu mundo e para o qual elas convergem. Se ele for firme, seu mundo será firme. Então não haverá forças em cima ou embaixo que possam desviá-los para a direita ou para a esquerda.

(…) Sejam prudentes no uso da palavra eu. Enquanto se referirem às faixas que envolvem o bebê e não exclusivamente ao bebê, enquanto for mais peneira do que cadinho, então estarão passando pela peneira sua vaidade unicamente para colher a morte...

Quais são essas faixas e quem é o bebê? O bebê é o eu real, „o deus envolto em faixas“, como diz Mirdad. As faixas representam todos os elementos que o envolvem, como o pensar, o sentir, o querer e o agir. Porém, em sua essência mais íntima, em seu eu despido de identificações, projeta-se a realidade da alma-Espírito, da pura percepção do ser.

Quando a filosofia da Escola fala em vitória sobre o eu, ela se refere ao eu identificado com suas faixas, e não ao eu real. Nunca devemos confundir o eu com egocentrismo! É o egocentrismo que deve desaparecer, não o eu, não a identidade do aluno!

Enquanto estivermos focados apenas na vida exterior, não teremos condições de conhecer o que de fato somos. A natureza da mente abstrata, pura de identificações, só se torna acessível pelo esforço consciente em perceber-se. Desde o primeiro momento como aluno, é preciso se esforçar por isso.

Como esclarecido pelo Sr. van Rijckenborgh, o eu deve também „descer“ ao corpo astral e ali trabalhar conscientemente. Portanto, o eu, como pura consciência, não apenas percebe a si mesmo, mas passa a perceber tudo o que se movimenta no corpo astral, como emoções, sentimentos e desejos, e todos os pensamentos correspondentes, sem se identificar com nada disso. A partir dessa ação é que o veículo da mente abstrata (Manas) se forma.

Não se encerra aqui a ação transformadora da pura consciência do eu sobre os veículos da personalidade. Um trabalho mais árduo é a ação consciente sobre o corpo etérico, pois todo o caráter e o temperamento do ser humano, seus hábitos e toda a couraça de tensões, foram gravados ali. Por isso, qualquer transformação no corpo etérico encontra resistências bem maiores que as mudanças astrais. Pouco a pouco, porém, graças a um trabalho contínuo, é possível também vencer tais resistências. Dificilmente esse trabalho pode ser executado em solidão, pois é na unidade do grupo que as resistências individuais finalmente cedem. E é a partir dessa vitória que a nova consciência ou nova alma se estrutura e se corporifica (o que, na terminologia hindu, é denominado de Buddhi).

Resta, por fim, o trabalho relacionado ao corpo físico. Não um trabalho sobre o elemento físico diretamente, mas sim sobre as forças puras que originam o seu nascimento e o conduzem à desintegração. Jacob Boehme descreveu essas forças como „a boa virtude do corpo mortal“.

Por meio dessa realização, a plena manifestação do Espírito na matéria se torna realidade, representado no cristianismo pelo mito do „Verbo que se fez carne“.

Apenas se afastando de todos os fenômenos exteriores e de todo o turbilhão mental e emocional é que se torna perceptível algo completamente diferente: a natureza mais íntima da mente, o eu real ou consciência pura. Esse eu é a chave para os elementos superiores da consciência humana; a partir dele pode começar a ação transformadora sobre a personalidade.

Que tomando a nova consciência como base, trabalhemos para penetrar os véus que nos separam de nós mesmos e, consequentemente, de todos os seres sencientes.

1. Naimy, Mikhail. O Livro de Mirdad – um farol e um refúgio. Jarinu, SP: Ed. Pentagrama, 2014.

Holarquia

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea foi estruturada em linhas de força que constituem o que em outros tempos foi denominado de hierarquia. É preciso refletir sobre o significado de hierarquia no mais elevado sentido da palavra, para dirimir dúvidas e afastar entendimentos errôneos a esse respeito.

O significado mais elevado de hierarquia talvez seja a ideia de fraternidade, como quando se menciona a Fraternidade Universal. Fraternidade está relacionada à inclusão, plenitude. Nesse sentido, a realidade se manifesta hierarquicamente, ou seja, em níveis ou dimensões, com cada dimensão mais elevada sendo mais inclusiva e mais próxima da totalidade absoluta, da Divindade ou Espírito.

No entanto, essa palavra está contaminada pelo uso inadequado, como a ideia de autoridades exteriores inquestionáveis que se impõem por sua força e poder.

Atualmente, à medida que a consciência humana se transforma e o anseio por liberdade de consciência se torna predominante, a necessidade de modificar a interação entre os integrantes dos grupos fica cada vez mais evidente.

A história já mostra isso. Os líderes no passado tinham poder absoluto, que foi se restringindo pouco a pouco pela definição de regras de conduta, leis e divisão de poder.

As escolas espirituais da atualidade, por exemplo, não podem tomar como estrutura uma hierarquia no sentido comum, pois o ser humano autoconsciente não tem condições de trabalhar efetivamente sob tal controle de consciência, a não ser à custa de muito sofrimento.

Mesmo o conceito de hierarquia pode ser agora abandonado e substituído pelo de holarquia, que é simplesmente uma estrutura que organiza o trabalho, não uma estrutura de poder.

Numa holarquia, um hólon "inferior" tem uma ordem própria, uma autossuficiência e um conhecimento sobre seu nível; mas ele também é membro integrante de uma ordem superior. Por exemplo, o átomo pode ser visto como um hólon, pois é um todo em si mesmo, mas pode participar também, com outros átomos, de uma estrutura superior, uma molécula. Uma molécula, por sua vez, pode formar, por exemplo, células, que podem formar órgãos, que podem se constituir num corpo animal.

Um dos aspectos que diferencia um nível de holarquia de outro é a natureza do conhecimento que possui.

Um átomo conhece profunda e detalhadamente seu próprio pequeno mundo. Hólons superiores têm uma visão abrangente da realidade atômica e podem se ocupar de outros aspectos da estrutura do todo. Na verdade, aqui não há superior nem inferior, pois cada nível tem importância semelhante na manifestação do todo. Uma molécula, por exemplo, não é superior em poder e importância ao átomo.

Nesse sentido, toda relação de poder é uma ilusão, pois o verdadeiro poder que um ser humano deve possuir é o de vencer o seu próprio ego.

De qualquer maneira, há um princípio que permeia todos os níveis dessa holarquia, que é o da fidelidade. Fidelidade é "o atributo ou a qualidade de quem ou do que é fiel, para significar quem ou o que se mantém fiel a uma determinada referência".

Mas, que referência é essa? Não é certamente um mestre exterior ou um conjunto de dogmas, porque essas coisas não podem estar presentes numa escola espiritual fidedigna. O que é então?

Essa referência é o contato com o campo de força, luz e vida da Escola; é a nossa consciência de grupo, que tem condições de ir muito além da consciência egocêntrica e seus limites estreitos, que está sempre buscando se manter por meio dos alimentos do poder, da fama e da segurança exterior.

O obreiro de uma escola espiritual serve em primeiro lugar a esse campo, que é como a representação do Espírito, a força de ideação mais poderosa que existe. O obreiro deve ter a consciência de que ele não tem outra tarefa senão a de servir conscientemente e com abertura. Servir impessoalmente essa força do Espírito, servir uma comunidade, servir ao objetivo da Fraternidade Universal. E todos os alunos são convidados a se tornar obreiros nesse sentido.

O grande desafio que se apresenta a todos nós como grupo pode ser resumido em quatro pontos:

Realizar conscientemente a ligação com o Espírito sem intermediários, sem mestres nem dirigentes, por meio de uma verdadeira transformação interior que converta o ego em servidor da nova consciência.

Trabalhar impessoalmente em grupo. Aquarius nos mostra que a nova manifestação da consciência da humanidade

acontecerá na força de um grupo que se empenha para vencer o próprio ego.

Como alunos, entender o verdadeiro significado da holarquia, ou seja, como pedras vivas de construção nesse todo que é a Escola, compreendendo seu papel no grupo, com consciência, responsabilidade e humildade. Somos hólons como indivíduos e os diferentes grupos em que atuamos são hólons mais amplos, constituindo, em conjunto, o corpo vivo da Escola.

Nessa base, se elevar como grupo à verdadeira ideia de fraternidade, em que cada um compreende o seu papel sem perder de vista o todo: a grande obra de libertação para o mundo e a humanidade.

Com essa base quádrupla, é possível realizar um trabalho tríplice que se manifesta em 3 linhas:

Para o alto, na ligação de primeira mão com o Espírito, tornando-se assim um ser humano consciente de seu papel.

Para o interior, colaborando conscientemente com a força do Espírito, para que se realize a transformação de seu próprio ser por meio da entrega consciente do ego, galgando os passos necessários para essa transformação.

Para o exterior, tornando-se um verdadeiro obreiro a serviço da Fraternidade, auxiliando a todos aqueles que buscam um caminho de libertação.

Assim, a partir do Espírito – o ponto central do qual tudo se origina – é possível construir sobre o quadrado e manifestar o triângulo de uma verdadeira consciência espiritual.

O resultado se demonstrará no conjunto do trabalho da Escola Espiritual, envolvendo a tudo e a todos em um círculo de força e vida.

Essa é a base de trabalho para nós, alunos chamados a servir como obreiros, como hólons, como partes da Holarquia Espiritual da Escola e, consequentemente, da Fraternidade Universal, em um caminho onde o Espírito é o único ponto de apoio possível.

Que todos compreendam e realizem a tarefa que é solicitada de cada aluno da Escola, não baseados em autoridades externas ou dogmas, mas sobre a base de uma ligação consciente com a força do Espírito que já se encontra no mais profundo do ser de cada um. Que tudo o que os alunos realizem seja feito impessoalmente e em grupo. Que todos se elevem acima dos conceitos e aspectos exteriores da instituição, e descubram a verdadeira força da Escola Espiritual em seu campo de Luz e Vida.

A importância do autoconhecimento

Um trecho do livro A Gnosis Chinesa diz:

> Acaso vocês já descobriram que é extremamente difícil alcançar o autoconhecimento? Se examinarmos os esforços empreendidos de tempos em tempos nesse sentido, vocês dirão, suspirando: "Alcançar o autoconhecimento é totalmente impossível!"

No entanto, sem dúvida o autoconhecimento é o primeiro passo para o autoaperfeiçoamento. Por isso é trágico ter de dizer que, apesar dos sérios esforços feitos para isso por muitos, os resultados sejam tão pobres.

Como diz Lao Tsé: "Quem conhece os homens é perspicaz, mas quem conhece a si mesmo é iluminado". Observar e analisar o comportamento de outros, e determinar o que neles é bom ou está errado, o que não vai bem, o que é negativo e sem esperança, é a característica da maioria dos homens, porque eles são perspicazes e estão habituados a emitir um julgamento a respeito de tudo, em toda a parte e sobre cada um.

Existem pessoas que podem contar tudo acerca dos outros, nos menores detalhes. Todavia, não devemos dar a menor importância a todos esses julgamentos. Com efeito, esses observadores, tão perspicazes, são incapazes de perceber as razões interiores de certos atos, de certas palavras; eles podem, quando muito, fazer conjecturas. Para muitos, a única base do tão necessário autoconhecimento é a opinião alheia. Por exemplo, um amigo ou um parente lhes dirá claramente como vocês são. E também quem são.

Porque para vocês talvez pudesse ser útil conhecer os homens e importante julgar os outros, porém quanto ao julgamento justo, existem em sua vida mais erros e mal-entendidos do que julgamentos justos. Quem

o compreende e ousa reconhecê-lo também sabe, no que se refere ao autoconhecimento, que ainda se encontra na mais total escuridão. E nesse aspecto, grande parte dos homens é ou muito otimista ou muito pessimista, não sendo nada realista.

"Como isso acontece?" poderíamos perguntar. Simplesmente porque o ser humano não possui nenhum órgão dos sentidos, nenhuma faculdade interior para ter uma percepção objetiva de si mesmo em seu comportamento e gestos; e porque ele tampouco é capaz de observar as emoções interiores que o levam a agir desta ou daquela maneira; e muito menos os impulsos de natureza astral que se encontram em segundo plano.

O livro das causas e efeitos, o livro do carma pessoal, no mais das vezes, permanece hermeticamente fechado no tocante à sua própria vida. […]

Assim, trata-se de aprender a conhecer um segredo.

E a receita desse segredo é:

1. conhecer a si mesmo e, como resultado, participar da iluminação;

2. vencer a si mesmo e, desse modo, tornar-se onipotente;

3. desenvolver uma nova energia e, como resultado, desenvolver a faculdade mágica da vontade; e

4. no final da viagem através da matéria, entrar na vida nova eterna.

Assim que o aluno compreende isso – e ele o compreenderá se for movido por uma necessidade vital – um ponto de toque latente em sua personalidade despertará, se abrirá e florescerá a rosa-do-coração.

E nessa rosa fala uma voz, a voz da flama monádica, essa parte do homem superior que, por intermédio da alma, deve ser religada ao homem inferior para que, através desse processo, o homem inferior mude completamente e se transfigure.

Quando esse plano se torna interiormente claro para o aluno, se abre e não é compreendido apenas de modo racional, e o aluno vive e cresce interiormente no desígnio que Deus formou para ele, então ocorre, ao mesmo tempo, a iluminação. Somente então haverá autoconhecimento, o conhecimento de Deus. Então realmente é sabido que "o reino de Deus está dentro de vós".

Eis o que é a iluminação. E nessa iluminação, através dessa iluminação, é possível adentrar o caminho da vitória, da vitória sobre si mesmo[1].

Esse texto dá elementos importantes para entender o que é o autoconhecimento e como se deve avançar nessa direção.

Quando o candidato entra na Escola e é colocado diante da instalação do 1º aspecto – que é uma preparação para a senda – ele é confrontado com a necessidade do autoconhecimento. Esse autoconhecimento acompanha o aluno até o fim da vida, pois ele está sempre caminhando em direção a isso; nesse caminho ele passa por várias etapas, como uma espiral sem fim que se desenrola de forma cada vez mais ampla.

Na instalação no 1º aspecto, o aluno ouve e se compromete a se examinar constantemente para verificar o que se encontra nele; para ter certeza de que o que pensa ser luz, na verdade não sejam trevas; para se examinar antes de fazer qualquer julgamento e crítica a qualquer um de seus semelhantes.

E, se for sincero consigo mesmo, falhará constantemente nesse autoexame, pois se verá sempre julgando, criticando e colocando seus pontos de vista como se estivesse correto sobre vários assuntos, inclusive no tocante ao que é melhor para o caminho da Escola Espiritual.

É importante que os alunos que estão há mais tempo nesse caminho tenham muito cuidado ao colocar suas opiniões para os alunos mais novos, pois a Verdade é apresentada para cada um de acordo com sua capacidade de percepção. Vale aqui a frase atribuída a Sócrates: "Só sei que nada sei. E o fato de saber isso, me coloca em vantagem sobre aqueles que acham que sabem alguma coisa".

Como diz o texto acima, o ser humano não possui órgão dos sentidos e nenhuma faculdade interior que lhe permita ter uma percepção objetiva de si mesmo; tampouco é capaz de observar as emoções interiores que o levam a agir desta ou daquela maneira; e muito menos os impulsos de natureza astral que se encontram em segundo plano.

Essa é a razão pela qual o autoconhecimento é a primeira ferramenta colocada à disposição de um ser humano que pretende trilhar o caminho de transformação da consciência e da vida.

Do ponto de vista prático, como se pode entender o autoconhecimento?

Para atingir o autoconhecimento da maneira como a Escola o percebe, deve-se ter uma nova faculdade interior. Sem essa faculdade, em vez de se alcançar o autoconhecimento verdadeiro, fica-se na sua sombra, na autoajuda e na análise exterior da própria consciência.

Essa faculdade interior pode nascer do despertar do verdadeiro núcleo de consciência no ser humano, chamado na Escola Espiritual de rosa do coração ou átomo centelha do Espírito.

Esse é o ponto mais importante do ensinamento da Escola. O átomo centelha do Espírito é o ponto inicial e final do caminho de um aluno da Escola. Sem a força da rosa do coração desperta, nada de essencial pode ser transformado no ser humano.

E para que a rosa desperte, é preciso participar do campo de força da Escola Espiritual, participar das atividades que acontecem no Templo, das reuniões do 1º e 2º aspectos, das conferências de renovação etc. Sem isso, o surgimento da

1. Rijckenborgh, J. van; Petri, Catharose. A Gnosis Chinesa; comentários sobre o Tao Te king, Jarinu, SP: Pentagrama Publicações, 2017.

nova faculdade de percepção interior é apenas uma bela idealização.

É a partir do nascimento dessa nova faculdade interior que se pode perceber objetivamente as emoções que nos levam a agir dessa ou daquela forma. Assim, é possível compreender o que nos move e nos faz agir e reagir, sem que nossa consciência egocêntrica interfira no processo tentando dominar a situação, o que nos levaria a uma confusão ainda maior.

E, em terceiro lugar, a faculdade interior de percepção se tornando cada vez mais lúcida, nos leva a compreender os impulsos de natureza astral que nos dominam.

Esse ponto é de extrema importância. O ser humano e, portanto, cada um de nós, é dominado por seu corpo astral – ou corpo de desejos – e por todas as influências astrais ligadas a esse corpo. Esse domínio do corpo astral vai além de nossa consciência objetiva. O funcionamento dos chacras, aquilo que nos move, está intimamente ligado à natureza astral.

Não basta que a consciência saiba disso e que decida não ceder mais a esses impulsos, pois se trata de algo que funciona além de nossa vontade consciente.

Somente pela força do átomo centelha do Espírito – que vai se tornando cada vez mais dinâmica à medida que o aluno se abre para o campo de força da Escola – é possível que os impulsos astrais percam sua influência sobre nossa consciência.

Assim, vamos percebendo como as engrenagens de nosso ser são colocadas em movimento. Isso é autoconhecimento.

Que cada um compreenda a verdadeira ferramenta que nos é oferecida: o autoconhecimento. E que não transforme essa ferramenta em autoajuda superficial por meio de um conhecimento intelectual exterior e raso.

Uma força nos é oferecida e pode ser de grande ajuda, se pudermos compreender seu significado.

Assim, trata-se de aprender a conhecer um segredo, cuja receita foi mostrada acima:

- conhecer a si mesmo e, como resultado, participar da iluminação;
- vencer a si mesmo e, desse modo, tornar-se onipotente;
- desenvolver uma nova energia e, como resultado, desenvolver a faculdade mágica da vontade; e
- no final da viagem através da matéria, entrar na vida nova eterna.

Quando o aluno compreende isso – e ele o compreenderá se for movido por uma necessidade vital –, um ponto de toque latente em sua personalidade desperta, se abre e floresce a rosa do coração.

Somente então haverá autoconhecimento, o conhecimento de Deus. Então realmente é sabido que "o reino de Deus está dentro de vós". Eis o que é a iluminação. E nessa iluminação, por meio dessa iluminação, é possível adentrar o caminho da vitória, da vitória sobre si mesmo.

Dar e receber

Duas atividades fundamentais ocorrem na existência de todas as coisas e de todos os seres: dar e receber, receber e dar.

O Logos, a inteligência suprema manifestada no Universo, não faz outra coisa senão dar, e nisso manifesta sua glória. Não precisa receber nada, pois que poderia ele receber que já não possua? Ou quem estaria em condições de lhe dar algo? Os seres e as coisas manifestadas nada podem fazer senão receber dele, pois seu ser lhes é dado pelo Verbo criador, e sem ele nada do que existe poderia existir.

O homem, entre as inúmeras ondas de vida, encontra-se em um ponto intermediário, pois do Logos surge seu ser eterno e, da matéria, sua forma manifestada.

E por isso ele pode optar, escolher.

Quais são suas opções? Dar e receber, ou receber e dar. Ambas estão a seu alcance, pois ambas são o resultado de uma tomada de consciência, de um despertar e, portanto, de um início, de uma primeira vez.

Isso não quer dizer que o homem, antes, não desse nem recebesse. Contudo, o genuinamente humano é a consciência, o pensamento, a compreensão. E, por isso, enquanto o homem recebe sem saber que recebe, nem de quem recebe, e enquanto ele dá sem saber o que dá, nem para quem dá, ele ainda não chegou à verdadeira porta de sua manifestação como homem verdadeiro.

Um dia, porém, ele desperta e sabe que a vida é dar e receber, receber e dar. A partir daí ele começa a criar causas e, com elas, a movimentar as coisas, e assim a gerar efeitos. E a lei do carma começa sua complexa contabilidade. Essa lei da compensação universal age sobre ele para, graças a ela, ser iluminado no verdadeiro mistério do Logos que nada mais é do que o mistério de dar.

A palavra oferenda, o verbo ofertar, é a

expressão ativa desse dar no âmbito do homem. E, para o homem materializado, essa oferenda acabou sendo um sacrifício no sentido de uma penalidade, um sofrimento, embora a palavra sacrifício provenha de sacro, de sagrado.

Trata-se, porém, de um grande erro, pois não é concebível que o Logos sofra em seu dar; muito ao contrário, em sua eterna oferenda de vida, o ser e a luz são um feliz e alegre fluxo de força radiante e irresistível.

O oposto é a causa de sofrimento, ou seja, o não querer dar, o aferrar-se ao recebido, o reter, o guardar. Existe maior sofrimento do que o medo de perder o que se possui? O ciúme, o medo da morte, a avareza, a cobiça e muitas outras enfermidades da alma humana têm sua origem em não querer dar, em reter, em não querer compartilhar.

Tudo na natureza é uma oferenda abnegada e alegre. As fugazes flores das árvores anunciam o nascimento do fruto que alguém consumirá, que nasce para dar-se, a quem elas cedem espaço com sua própria morte; frutos que, em seu coração, levam a semente que se dará completamente para o devir de uma possível árvore.

Tudo isso é visto pelo homem encerrado no eu como uma dança da morte, porque para ele a forma é o ser, e não pode entender que a morte exista; sim, porém só para ele.

Sim, porque para o ser da flor, não existe separação entre árvore, flor, fruto, semente, árvore. Trata-se do mesmo ser em contínua transformação plena de vida, que encontra sua alegria na alegria dos olhos que veem a flor, na alegria da boca que mastiga a suculenta fruta, na alegria dos que escolhem seus ramos para encontrar sombra, amparo ou mirante.

Quem apenas encontra alegria e satisfação em receber, sofre imensamente quando tem de dar e, ao sofrer dando, invalida a sua oferenda, e se afasta ainda mais do Logos do que quando só recebe.

Observem nossa humanidade atual. Não é ela a expressão da cristalização do receber? Quando falamos de materialização, de materialidade, na verdade estamos falando de retenção, acúmulo.

É o não dar, o só querer receber que arrasta a humanidade até seu nadir; é o que a cristaliza, petrifica sua vida. E quanto mais recebe, mais profundamente submerge.

E por isso a imensa graça e sabedoria encerrada na lei do carma intervém para ajudá-la, tirando-lhe tudo, de vez em quando, para permitir-lhe compreender o mistério do dar.

A chave está na palavra harmonia. Pois a harmonia é a expressão do equilíbrio entre receber e dar, entre dar e receber.

Por isso, na Escola, falamos da rosa do coração, de aprender dela, pois ela é a expressão sublime do dar, à imagem e semelhança do Logos. Estando e vivendo no dar, percorremos o caminho da

desmaterialização e da transfiguração.

O que é a magia gnóstica? Acaso não é dar? O ser humano passa sua vida aferrado a uma posse impossível, pois nada é seu, e nunca poderá sê-lo.

Quão sem sentido é seu esforço, colocando etiquetas em todas as coisas, nas quais escreve, com letras grandes, "isto é meu"! Como pode pretender semelhante coisa, se nem mesmo é dono de seu próprio corpo, que perde não quando quer, mas quando a infalível contabilidade do destino determina?

Façamos um esforço para sondar esse mistério em nós, para saber onde nos encontramos a respeito desse fluxo do dar. Pois no dar também está encerrado o mistério do não-ser, que é a quintessência do verdadeiro ser.

Dois seres convivem em nosso microcosmo: o homem celeste verdadeiro e o homem da personalidade. O primeiro é o filho de Deus; o segundo é o filho da natureza. Na semente do primeiro, no átomo original, está encerrada toda a criação universal. Na semente do segundo está contida a chave de sua fragilidade e decadência inevitáveis. O primeiro está orientado para dar; o segundo para receber.

Para que o homem celeste possa dar plenamente, segundo sua vocação e essência, é necessário que o homem da personalidade o liberte de suas correntes. Para que o homem da personalidade possa romper a maldição do nascimento, crescimento e morte, ele deve aprender a dar.

Que tem ele para dar? A primeira coisa que ele deve dar é a liberdade ao Outro em si. O homem natural deve entregar ao homem celeste as chaves de sua cela, de seu aprisionamento. Quando o fizer, quando conceder essa oferenda de si mesmo, quando der ao homem celeste a possibilidade de se manifestar, então o mistério da medida transbordante se desvendará para ele. Um fluxo de força vital e de luz circulará então por todas as células e canais de seu corpo, insuflando nele uma vitalidade desconhecida até então. Um mundo de novos pensamentos, sentimentos e intuições abre-se diante de sua consciência atônita.

Então ele recebe a bênção. O átomo original desdobra seu poder no microcosmo. O homem da personalidade, convertido em homem-João, contempla um novo céu. Sob esse novo firmamento, sob as asas do Espírito Santo, surge a forma do corpo da alma, uma nova terra.

E então, em um instante, em um abrir e fechar de olhos, se produz a última oferenda do homem natural: ele se dá, a si mesmo, completamente, e assim se ganha para sempre. A morte foi vencida pela vitória. O homem-João agora faz parte do eterno homem celeste em sua manifestação neste mundo.

Tudo receber. Tudo dar. Tudo renovar. Estas seis palavras, procedentes do

hermetismo original, expressam exatamente o mesmo que as palavras dos rosa-cruzes clássicos: nascidos de Deus, mortos em Jesus, renascidos pelo Espírito Santo.

Que possamos utilizar a oportunidade de reconstruir o Jardim das Rosas para nossa alma! Que possamos nos erguer dos escombros da ilusão e nos elevar na confiança no Espírito!

A terceira espiral

O caminho de desenvolvimento humano pode ser resumido em três grandes ciclos ou espirais.

A primeira espiral é aquela em que bilhões de seres humanos passam por incontáveis experiências com o objetivo de formar um núcleo individual de consciência, para que, por meio dele, a centelha do espírito possa se tornar ativa e manifesta.

A segunda espiral é aquela em que centenas de milhões de seres humanos despertos trilham o caminho da autoconsciência que os levará a despertar da ilusão da consciência-eu, transformando-os em buscadores do Ser-Real em si mesmos.

A terceira espiral é aquela em que centenas de milhares de seres humanos em todo o mundo esforçam-se por trilhar a senda única, para que neles finalmente se manifeste a Nova Consciência, que é a síntese resultante da unificação dos dois polos de seu ser, o humano e o universal.

Os alunos de uma escola espiritual são seres que aspiram trilhar o caminho da terceira espiral, o caminho vertical que une a vida, a consciência e o princípio universal; a senda que une corpo, alma e espírito.

Quando os fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea afirmavam que o caminho vertical trilhado pela Escola se diferenciava de outros caminhos, que eles chamavam de horizontais, referiam-se justamente às diferenças inerentes a essas três espirais de desenvolvimento. Para quem colocou os pés nos degraus da terceira espiral de desenvolvimento, cujo objetivo é a manifestação da Nova Consciência, tudo o que veio antes disso – a formação da consciência individual e tornar-se consciente de si mesmo – deve ser visto como etapas já vencidas, que deveriam pertencer ao passado.

É como se as duas primeiras espirais formassem a base de sua consciência,

assim como o piso térreo de um edifício que está apoiado sobre os fundamentos da construção sob o solo. A terceira espiral seria o próprio edifício, formado pelos sucessivos andares que se erguem verticalmente do piso térreo até o topo, formando um novo espaço de trabalho que deve ser conquistado, preenchido e utilizado. Por isso, para aquele que se encontra na terceira espiral, tudo o que pertence às duas primeiras deveria representar etapas vividas e vencidas.

Entretanto, a vida real está longe de ser tão simples e binária; a realidade do ser, com sua herança biológica e cármica e suas circunstâncias de vida, é algo extremamente complexo e irregular.

Existem áreas de nossa consciência e de nossa vida que seguramente se encontram na terceira espiral, e formam o aspecto predominante do ser e o impulsionam no caminho da escola espiritual. No entanto, cada um de nós também possui aspectos imaturos, aquelas regiões da consciência e da vida nas quais ainda buscamos ganhar consistência e afirmar uma identidade individual, tornando-nos mais autoconscientes.

Por exemplo, participamos de um serviço ou uma conferência da qual saímos como se flutuássemos alguns centímetros acima do chão. Porém, se ao chegarmos em casa encontrarmos algo diferente do que esperávamos – desde uma pane elétrica a uma barulhenta festa no vizinho – rapidamente um outro aspecto menos maduro de nossa consciência se apresenta.

Nessa hora, é decisivo saber qual dos dois estados de consciência prevalecerá.

Não é esperado que tenhamos atingido a iluminação plena e que nenhum problema nos atinja. Se fosse assim, não seríamos todos alunos, até o final de nossa vida. O que importa é saber se a nova consciência, apoiada na força do princípio universal do qual ela surgiu, poderá desmascarar, neutralizar e transformar, gradativamente, todos as áreas imaturas de nossa consciência, até que nosso estado predominante seja o da nova consciência.

Usando a imagem das três espirais, o que importa é que a espiral prevalente, a terceira espiral da nova consciência, consiga pouco a pouco transmutar e elevar todos os outros aspectos imaturos que ainda se encontram nas espirais anteriores, fazendo com que em todo o nosso ser vibre apenas o tom central da espiral superior da nova consciência.

O que aconteceria com esse aluno se, em vez de se esforçar no caminho da terceira espiral, ele tentasse resolver essas questões pelos métodos e técnicas das espirais anteriores?

Os fundadores de nossa Escola tentaram deixar claro o que ocorreria, por meio de uma série de advertências que muitas vezes não foram bem compreendidas.

Em síntese, o que eles quiseram dizer é que se tentássemos resolver as questões relativas à imaturidade de nossa consciência na terceira espiral utilizando os métodos das duas espirais anteriores, chegaríamos a dois resultados possíveis. De um lado, a busca da harmonização e do autocontrole pela autoafirmação resultaria em seu oposto, ou seja, em mais desarmonia ou perda de controle. Por outro, a harmonização e o autocontrole poderiam até ser atingidos, porém, com o sacrifício da senda da terceira espiral.

Por isso, na linguagem da época, eles nos aconselharam a não utilizar os métodos da humanidade nascida da matéria; a não tentar colocar vinho novo em odres velhos; a não tentar agradar a dois senhores, à Luz e ao mundo; a não tentar manter um pé em cada barco. Em suma, a escolher decididamente o caminho e a não ceder diante da pressão da matéria.

Obviamente, eles não estavam sugerindo que abandonássemos arrogantemente nossos papéis na vida diária, dando as costas ao mundo. Todos esses conselhos e indicações referem-se a uma batalha interior que deve ser travada na alma, na consciência do aluno que deseja trilhar o caminho.

Tudo isso sugere que para resolver as questões que surgem quando trilhamos a terceira espiral não devemos utilizar os métodos próprios da primeira e segunda espirais; caso contrário, uma reação de oposição ou paralisação se manifestará de maneira previsível e até mesmo esperada.

Há décadas, quando a vida era mais lenta e menos coisas diferentes apareciam a cada dia, tais conselhos acabavam se traduzindo em exemplos de situações que poderiam causar tais efeitos contrários no trilhar da senda. Sem uma visão clara dos princípios e forças em jogo, muitos alunos agarravam-se a tais exemplos, buscando estabelecer uma série de comportamentos desejáveis ou indesejáveis, fazendo para si e para os outros intermináveis listas do tipo "devo fazer isso" ou "não devo fazer aquilo".

Isso nunca funcionou, pois não eram preceitos baseados em um conhecimento interior, mas sim em meras imitações de comportamentos alheios.

Hoje, quando a velocidade da vida se acelera, e novas ideias, técnicas e abordagens surgem sem cessar, precisamos desenvolver, com a máxima urgência possível, uma nova base de percepção. Essa base de percepção interior deve nos indicar, ainda que intuitivamente, o que nos convém, e o que não nos convém no caminho.

Dentre as incontáveis situações que poderíamos escolher para exemplificar essa questão, abordemos uma técnica que se tornou muito difundida, denominada "Constelação Familiar".

Tal técnica consiste na tentativa de harmonizar conflitos profundos e enraizados no inconsciente e no subconsciente que se manifestam exteriormente como problemas familiares.

Nas sessões de constelação familiar, pessoas e mesmo objetos assumem

temporariamente o papel de entes da família, na tentativa de auxiliar a pessoa em questão a entender seus problemas, repetitivos e insolúveis.

No plano inconsciente da inteligência biológica do santuário da vida, e no mar de desejos e forças astrais subconscientes do santuário do coração, nossos familiares fazem o papel de avatares, ou seja, de representantes visíveis de forças que circulam em nosso arquétipo sanguíneo, anímico e cármico.

Assim como a astrologia é uma tentativa de desvendar nosso céu microcósmico através do espelho do macrocosmo, onde os 7 planetas marcam sua posição nos ciclos ao redor das 12 constelações zodiacais, da mesma forma a constelação familiar tenta proporcionar esse processo de desvendamento por meio do papel dos entes da família nuclear – os 7 planetas – e sua posição em relação às diferentes forças que agem em nossa consciência – as 12 constelações.

No plano dos arquétipos, a família nuclear formada por pai, mãe, irmãos e avós representa as forças nucleares de nosso sistema de vida, assim como o Sol, a Lua, os planetas rápidos (Mercúrio, Vênus e Marte) e os mais lentos (como Júpiter e Saturno), formam o sistema solar da astrologia clássica.

E a sua posição relativa nas doze portas zodiacais de nosso microcosmo – formando a interação dos 3 núcleos da consciência (coração, cabeça e vida) com os 4 veículos da personalidade (mental, astral, etérico e físico) – assinalam sua influência em nossa alma e nossa vida.

Entendamos agora como essa técnica atua de maneira diferente para aqueles que se encontram nas três espirais de consciência.

Na primeira espiral, na qual os seres humanos estão buscando a formação de seu núcleo de consciência, portanto de seu "eu", essa técnica atua nos sentido de potencializar os arquétipos sanguíneos, anímicos e cármicos, pois essas forças formam o que chamamos de "consciência-eu".

Importante lembrar que a constelação familiar tem sua origem nos rituais tribais muito antigos, que trabalhavam o culto dos antepassados justamente para potencializar, dentre outras coisas, as forças naturais que devem confluir e concentrar-se para formar a individualidade.

Assim, o efeito buscado é o da harmonização e do reforço das 7 forças da consciência com as 12 forças do arquétipo da natureza, que terminarão por concentrar-se em uma consciência individualizada, uma consciência-eu.

Para aqueles seres humanos que trilham o caminho da segunda espiral, e que já possuem uma consciência individualizada, o objetivo da constelação familiar é o de amadurecer a capacidade de autopercepção, ou seja, a busca da compreensão de si mesmo, por meio dos registros inconscientes e subconscientes que desencadeiam reações e comportamentos indesejáveis.

A representação exterior de seu mundo interior, por uma prática em que outras pessoas temporariamente encarnam os familiares com quem se mantém uma relação de conflito, traz à tona as possíveis razões profundas de comportamentos destrutivos e sabotadores em relação a si mesmo e aos outros.

Nesse caso, o objetivo é levar a consciência gradativamente a tornar-se consciente de si mesma, consciente de que suas próprias tensões não resolvidas é que determinam seu comportamento.

E quanto aos que supostamente trilham a terceira espiral, que leva da consciência e do conhecimento real de si mesmo até uma nova consciência: que tipo de resultado teria a aplicação dessa técnica?

No aluno que se esforça para seguir o caminho da terceira espiral já existe um princípio de uma nova consciência.

Com base em um campo coletivo, que simbolicamente chamamos de campo de força, esse princípio de uma nova consciência é amplificado, assim como um feixe de luz que passa por uma lente de aumento e ganha a capacidade de acender o fogo por sua força de concentração. A luz do princípio de uma nova consciência, auxiliada pela lente do campo de forças, concentra-se sobre o seu próprio núcleo, a centelha espiritual no âmago do ser, e assim a luz se torna fogo.

Esse fogo é a força que ilumina, de dentro para fora, o mundo interior do aluno, e concede à própria consciência a autonomia para transformar seu mundo interior.

Essa transformação precisa ocorrer em liberdade e autonomia, na medida em que o aluno enxerga as raízes dos grilhões de sua prisão, em si mesmo e por si mesmo, e utiliza a força do fogo que eleva todo o seu ser ao grau superior de maturidade e percepção da nova consciência. Essa luz e esse fogo permitem ao aluno colocar-se sob uma nova constelação, uma nova configuração que se forma de cima para baixo, ou seja, a partir do arquétipo puro e livre de uma nova consciência, a partir do núcleo espiritual e universal em si mesmo.

Por essa razão, esse aluno, esse habitante da terceira espiral, poderá um dia dizer "e vi um novo céu, e uma nova terra", pois pelo esforço de sua própria consciência, ele colocou todo o seu ser sob uma nova configuração de forças, simbolicamente, sob uma "nova constelação".

Se, diante de todas essas possibilidades reais de transformação, um aluno buscar apenas a harmonização de seu ser ou a eliminação de um comportamento que ele julga destrutivo por meio de qualquer técnica exterior, no mesmo instante ele renuncia à força e à autonomia da nova consciência em si mesmo. Ao fazer isso, mesmo sem o saber, ele nivela o seu estado vibratório à antiga constelação conflituosa de seu ser, ao não mais tentar transformá-la, mas sim, meramente, harmonizar-se com ela.

Avançar, estagnar ou retroceder no caminho depende de nossas escolhas. Sempre existe a possibilidade de enveredar por atalhos que nos afastam da meta única; por essa razão, todos os grandes do espírito nos alertam para a necessidade de constante vigilância. A possibilidade de dar as costas à nova consciência sempre existe, todas as vezes que buscamos harmonia pelos meios e métodos da velha consciência.

Por isso o ensinamento universal sempre nos alerta para que não renunciemos a nossa primogenitura por um prato de lentilhas; nem voltemos a adorar ídolos no deserto; nem busquemos uma falsa paz, dando as costas à batalha interior quando ela se apresenta.

Somos todos candidatos à terceira espiral, à espiral do caminho vertical. Esse caminho exige de nós a coragem de vencer as dores do eu pela força da nova alma. Toda a força necessária para isso nos é dada sem cessar, a cada instante em que abrimos e orientamos o nosso ser a esse infinito manancial interior.

Que nessa base, possamos seguir resolutamente em um mundo em constante transformação, percebendo interiormente a natureza de todas as coisas e, com base na inteligência da nova consciência, sempre escolher o caminho único, o caminho vertical, que qual corda de luz, encontra-se agora estendido diante de nossos pés!

Beleza neutra

Em tempos aquarianos, tudo o que classificamos como "externo" ou "alheio" a nós tem sua necessidade questionada. Sentindo do imo a necessidade de total desidentificação com o manifestado, e reidentificação com a nossa luz interior ou com o espírito em nós, é nosso anseio procurar ligações que nos libertem de tudo o que é percebido.

Nesse momento, é importante lembrar que a manifestação, tal como vemos agora, é de uma incrível "beleza neutra". Nossa mente tem dificuldade em captar o que se quer dizer com uma manifestação bela e ao mesmo tempo neutra. Com a palavra "bela" queremos dizer que ela é de origem divina, mesmo que nossa percepção permita captar apenas sua transitoriedade. Com a palavra "neutra" queremos dizer que a manifestação em si não tem nada de aprisionador. Ela é o que é.

O que chamamos de "estar preso à matéria" consiste no hábito de cobrir a manifestação com um véu de ideias errôneas, que a transforma em algo que nunca foi.

O aluno que ainda não se livrou de culpar as coisas externas pela sua infelicidade continuará com tal hábito. E dentre tantos objetos, corre-se o risco de ver a Escola da Rosacruz também como algo externo, podendo o aluno associar o seu desenvolvimento espiritual unicamente àquilo que a Escola lhe oferece, isentando-se de qualquer corresponsabilidade pela Escola e pelo seu caminhar.

Tudo o que é perceptível pelos sentidos – a matéria mais densa e palpável ou as ondas sonoras com formas mais sutis – deve sua forma de expressão à fonte de energia que a anima. Essa energia sutil governa o aspecto mais denso e grosseiro da matéria. As formas são expressões de ideias subjacentes, que atuam como uma verdadeira matriz energética, estruturando toda manifestação da vida a partir de seus componentes físico-químicos.

O universo manifestado pode ser compreendido como uma obra de engenharia divina, cuja base matemática está oculta à percepção sensorial, mas é compreensível por nossa inteligência original. Essa matemática se compõe de padrões invisíveis que regulam a formação da vida. Nosso corpo, por exemplo, tem a capacidade de renovar praticamente todas as suas células em um ciclo de poucos dias a partir da matriz energética que nos anima, sem que precisemos nos deter nessa tarefa.

A ciência refere-se a essa matriz da vida como campo magnético, campo mórfico, informação genética, dentre outras terminologias. Independentemente do conceito que se utiliza, o que importa é a constatação da existência de padrões que estruturam a vida e que percebamos que existem interações energéticas que influenciam toda forma de manifestação, qualquer que seja o nome que se dê. O nome não importa. O que importa é o que nossa consciência infere, seja com uma comprovação pelos 5 sentidos ou não.

Existe, certamente, uma correlação entre o ser humano e o Cosmo por meio do número, da estrutura, da proporção e dos símbolos, quatro aspectos que constituem a base do arquétipo geométrico que relaciona o temporal com o eterno, o concreto com o abstrato, o celeste com o terrestre.

Somos seres sencientes e autoconscientes em permanente interação com o ambiente, e dotados de capacidade construtiva e criadora. Construímos espaços de interação para suprir certas necessidades e cada espaço atende a uma determinada intenção. Toda manifestação coletiva, seja um governo de estado, uma empresa, instituição ou associação, é uma ideação da mente humana. A ideia confere estrutura e precisa ser animada por uma matriz energética para se realizar. A manifestação sempre está em coerência com a intenção que concebeu a ideia e se propõe atender a determinada necessidade.

As escolas espirituais em sua forma também atendem a esse tipo de engenharia, coerente com a intenção que lhe origina, que é de natureza transcendente e imanente. Como tudo o que é moldado e manifestado na matéria, canaliza a energia da sua matriz energética central. Dessa forma, independentemente da forma que assuma, uma escola espiritual sempre corresponderá à ideação que a move, ou seja, à energia. Este ponto é de suma importância: a verdadeira forma da Rosacruz é a ideação que a move.

Desse modo, nós criamos, consciente ou inconscientemente, a cada momento, estruturas geométricas, sobre as quais vamos edificando nossa realidade interior e a realidade exterior.

A escola espiritual é um lugar em que ocorre a irradiação da energia divina. “Mas como assim?”, você poderá perguntar. “A energia divina não está disponível em toda parte?” Sim, ela está em toda parte; entretanto, essa energia é adaptável àquele ser que a recebe. Nós, seres humanos, recebemos a luz divina na medida em que nos abrimos a ela. Da mesma forma que uma usina elétrica não cria a energia, mas apenas transforma aquela que já existe na natureza, uma escola espiritual também se manifesta em coerência com a Sabedoria Universal, moldando-se na matéria de acordo com a qualidade do estado de consciência do seu grupo de alunos naquele momento. Cada aluno, como uma célula desse corpo coletivo e impessoal, deve atuar de acordo com sua característica única individual, porém, ao mesmo tempo, em sintonia com o Todo desse organismo. Essa sintonia só é possível por meio da presença consciente da intenção do trabalho espiritual em tudo o que se realiza na escola, e de uma visão de grupo.

No aspecto organizacional existem convenções e princípios. Convenções podem mudar conforme a necessidade do momento histórico ou da cultura na qual a escola esteja inserida. Princípios são como os números, as formas geométricas ou os sons. Em essência, a matemática e a música já existem no Universo; o que nós fazemos é usar nossas capacidades para manifestá-las de forma consciente por meio de símbolos, mecanismos e representações.

Como usar conscientemente nossas capacidades? O que é estar consciente na escola?

Estar consciente é viver o que precisa ser vivido a partir de uma sólida base interior, reconhecendo o papel de cada aspecto de nossa vida, seja ele interno ou externo. Apenas a partir de uma base interna sólida nos tornamos aptos a viver cada experiência como se fosse única, e assim transformarmos a própria vida. Essa é a essência do trabalho proposto na Escola da Rosacruz Áurea.

Que possamos a partir do nosso autoconhecimento mais legítimo, colaborar para a manifestação do aspecto universal que trazemos em cada um de nós.

Vida real

Viver uma vida verdadeiramente ativa é viver uma vida espiritual, pois o espírito é fogo e o fogo nunca é passivo.

É preciso saber como utilizar toda a capacidade de transformação de nossa consciência; caso contrário, corremos o risco de mergulhar em reflexões que podem nos tornar meros expectadores da vida e de nós mesmos. Expectadores da vida, quando acreditamos erroneamente que são as condições da vida que determinam o nosso destino e que basta aguardarmos com paciência o desenrolar dos acontecimentos que tudo se resolverá. Expectadores de nós mesmos, quando acreditamos que basta a observação, basta o autoconhecimento passivo que, como um passe de mágica, atingiremos a transcendência e nos tornaremos seres iluminados.

Aqui se propõe um enorme esforço, que exigirá do leitor toda atenção e maturidade, pois o que se tratará a seguir não é uma mera reflexão. Será uma tentativa, a mais honesta possível, de revelar um dos maiores mistérios da vida humana: como a centelha divina se relaciona com a nossa consciência.

A centelha divina traz em si o potencial de inovação, a chance de reescrever a história de nossa vida e, assim, resolver as questões que tanto nos incomodam: a falta de compreensão mútua, o amor verdadeiro e a paz.

Mas por que um assunto de tamanha relevância tem estado oculto para grande parte da humanidade? Na verdade, esse assunto nunca esteve oculto, mas invisível aos olhos da percepção humana natural. E por quê?

Porque a percepção da centelha não funciona de forma mecânica ou automática, mesmo após a leitura de muitos livros ou a participação em muitas palestras.

A conexão ativa com a centelha divina depende, fundamentalmente, da interação da nossa percepção da realidade e do conhecimento de nós mesmos. Ou seja, a forma como a centelha divina atua em nós é resultado direto do conhecimento de nós mesmos e do nosso conhecimento da vida.

Essa é a razão pela qual a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea dá tanta ênfase ao papel da consciência.

Nossa consciência só pode começar a ser instrumento nesse trabalho se não for perturbada pela utilização de substâncias que a alteram; se for mantida atenta e serena, longe de ataques sentimentais (que nós mesmos produzimos) ou de pensamentos repetitivos, os quais impedem que se veja a realidade e a nós mesmos.

Na diária interação entre o conhecimento de nós mesmos e da realidade ao nosso redor, a centelha divina é percebida, em um primeiro momento, como uma inquietude, uma angústia.

Nestes trechos do poema "As Contradições do Corpo", do poeta Carlos Drumond de Andrade, é possível notar como a centelha divina fala à consciência[1]:

> Meu corpo inventou a dor
> a fim de torná-la interna,
> integrante do meu id,
> ofuscadora da luz
> que aí tentava espalhar-se.
> Meu corpo ordena que eu saia
> em busca do que não quero,
> e me nega, ao se afirmar
> como senhor do meu Eu
> convertido em cão servil.
> Se tento dele afastar-me,
> por abstração ignorá-lo,
> volta a mim, com todo o peso,
> de sua carne poluída,
> seu tédio, seu desconforto.
> Quero romper com meu corpo,
> quero enfrentá-lo, acusá-lo,
> por abolir minha essência,
> mas ele sequer me escuta e
> vai pelo rumo oposto.

Essa percepção da divisão entre o corpo e a consciência é a mesma que se nota na fórmula alquímica do solvet et coagula; é o discernimento da divisão interna que permite dissolver para depois coagular, ou seja, reconstruir algo novo.

Embora a manifestação dessa nova compreensão seja algo maravilhoso, pelo fato de ser algo novo e desconcertante, no início ela é percebida pela nossa consciência de forma confusa. Esse é o motivo pelo qual alguns alunos se sentem paralisados diante do dilema: o que percebo é a voz do eu ou a voz da alma?

A centelha divina, ou centelha do espírito, sempre revela à consciência as contradições do corpo, as contradições do eu. Ou seja, as contradições entre o eu real e o eu ilusório.

1. Drummond de Andrade, Carlos. Corpo. São Paulo, Companhia das Letras, 2015

Quando o candidato se esforça para avançar além dessas contradições, pode começar uma nova fase de relacionamento com a centelha divina, as provas ou uma fase de novas experiências.

Avançando a partir da nova percepção sobre a divisão interna, em busca da compreensão do porquê dessa divisão, ganha-se um impulso, uma força nova, que nos auxilia a abrir novos caminhos de percepção. Nessa etapa a centelha divina ilumina e revela a divisão interna, mas também alimenta, nos dando uma nova vitalidade para avançar.

Esse momento de interação pode se tornar dramático se o candidato não revelar coragem para avançar a partir dessa nova força. Ele escreverá sobre sua dor, cantará músicas belíssimas sobre seu sofrimento, mas não avançará.

Se não houver perseverança, o candidato será como um prisioneiro de si mesmo apesar da nova energia recebida. E assim, pode ser que ocorra uma combustão manifestada por uma verdadeira explosão sentimental, com consequências para sua psique.

O movimento de nos conhecer e nos guiar é tão poderoso que abre ao nosso ser a percepção consciente do papel da centelha do espírito em nós. Ou seja, precisamos perceber conscientemente o papel da centelha do espírito: esse poderoso campo de manifestação que nos desperta e alimenta para a jornada do autoconhecimento (conhecer-se) e da autonomia (guiar-se).

Aqui começa a fase do enfrentamento: é preciso enfrentar a si mesmo para conquistar a liberdade. Portanto, a iluminação e a nova vitalidade recebidas nos permitem conquistar autonomia em relação a nós mesmos e, depois, em relação a todas as circunstâncias de nossa vida.

Autonomia em relação a nós mesmos significa, no primeiro momento, liberdade em relação aos aspectos mais grosseiros presentes em nós, como comportamentos condicionados pelas nossas intenções mais profundas. Um dos antigos conhecimentos humanos, a ideia dos sete pecados capitais, preceitos que precedem ao próprio cristianismo original, são exemplos dessas intenções arraigadas na alma humana e que precisam ser vencidas.

Autonomia em relação aos acontecimentos significa um grande e novo poder. A liberdade para construir a própria vida a partir das experiências diárias, ou seja, construir seu próprio futuro independentemente do passado. Essa é a origem do livre-arbítrio, a construção do futuro a partir do presente.

E qual é o futuro desejado para toda a vida humana? Reconhecer que nenhum ser humano é isolado, mas sim um ser universal, que está conectado a tudo e a todos.

A centelha divina é esse ponto dessa conexão. Ela é o aspecto transcendental humano que permite essa conexão universal, sem que se perca a individualidade.

A cruz com a rosa revela essa possibilidade. A centelha ativa (simbolizada pela rosa), conecta e produz a interação entre a individualidade e a vida como um todo. Ou seja, a centelha divina é o resultado da interação e produz interação em um movimento contínuo.

No fundo, a forma como nos relacionamos com a centelha divina depende de nosso estado de consciência. Pode-se percebê-la como uma inquietude, como luz e alimento, e como ponto de conexão universal. O fato é que à medida que vencemos nosso egocentrismo, a centelha divina pode revelar mais de seus múltiplos aspectos à nossa consciência.

Compreendem agora por que o conhecimento da centelha divina é tão fundamental, que não deveria ficar restrito às escolas espirituais? Se compreenderam, proponhamo-nos mutuamente uma tarefa: sejamos ativos na interação entre o autoconhecimento (conhecer-se) e a autonomia (guiar-se) e assim permitamos que essa joia maravilhosa se manifeste com todo seu vigor em nosso coração.

Quando isso acontece, nos tornamos parte de um milagre, nos tornamos, cada um de nós, uma escola espiritual vivente. Uma escola espiritual que vai além das estruturas visíveis. Uma escola espiritual que pode divulgar a mensagem da centelha divina com toda força, pois a demonstraremos a partir do instrumento de divulgação mais eficiente que conhecemos: o exemplo pessoal.

Nesse momento, reconheceremos a transcendência de não sermos apenas pessoas que buscam compressão mútua, amor verdadeiro e paz. Pois seremos a compreensão, a paz, e o próprio Amor.

Que possamos voltar ao nosso dia a dia munidos de uma nova compreensão. Que possamos cada vez mais descobrir o maravilhoso mistério da força universal presente em cada um de nós e, assim, SER um ponto de conexão com a vida real mesma.

